

# FORMAÇÃO CONTINUADA: UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO DAS PESSOAS COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Mariane Fernanda da Silva Cuice Caldeira, Fernanda Marques Gonçalves, Patrícia Nascimento de Sousa

[mariane.caldeira@unesp.br](mailto:mariane.caldeira@unesp.br), [fernanda.m.goncalves@unesp.br](mailto:fernanda.m.goncalves@unesp.br), [pn.sousa@unesp.br](mailto:pn.sousa@unesp.br)

 [10.5281/zenodo.10230491](https://doi.org/10.5281/zenodo.10230491)

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

III Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2023

## RESUMO

*A aprendizagem é algo que necessita da pesquisa para caminhar num horizonte frutífero e conciso. A formação continuada pode inserir novas práticas, estratégias de ensino e ser uma ponte entre as dificuldades no percurso de professores e alunos, especificamente aqueles com Transtorno do Espectro Autista, num horizonte de possibilidades para ambos. Como a formação continuada pode intervir no processo de aprendizagem e configurar como um facilitador no trabalho do professor, especificamente aqueles com Transtorno do Espectro Autista? Nesta perspectiva este estudo bibliográfico irá buscar na teoria e investidas em formação continuada promissoras como ancoragem em sua construção, além de pesquisa qualitativa de processos nesta linha de pensamento, outrora aplicadas com resultados significativos. Num formato mais específico, buscou-se estudar os referenciais sobre formação contínua e Educação Inclusiva para compreender melhor os embasamentos teóricos pertinentes, produzir dados de pesquisa a partir da análise de estudos direcionados para a formação continuada exitosa na aprendizagem em investidas neste sentido que já ocorreram e demonstraram sucesso. Os estudos teóricos elencados e analisados apontaram para um formato de aprendizagem pela pesquisa onde os professores tem a possibilidade de reorganizar, apresentar e divulgar suas práticas durante a formação continuada. Pensar a educação para todos e a formação do sujeito ativo socialmente exige mudanças no fazer pedagógico onde todos são protagonistas das descobertas. Contudo o professor precisa ter ciência de que ele é o condutor deste processo, pois, o aprendizado virá a partir jogos, leitura, pesquisa entre todos os envolvidos.*

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista, Formação Continuada, Inclusão.

## ABSTRACT

*Learning is something that needs research to move towards a fruitful and concise horizon. Continuing education can introduce new practices, teaching strategies and be a bridge between the difficulties in the path of teachers and students, specifically those with Autistic Spectrum Disorder, in a horizon of possibilities for both. How can continuing education intervene in the learning process and configure as a facilitator in the teacher's work, specifically those with Autistic Spectrum Disorder? In this perspective, this bibliographical study will seek in theory and investments in promising continuing education as an anchor in its construction, in addition to qualitative research of processes in this line of thought, once applied with significant results. In a more specific format, we sought to study the references on continuing education and Inclusive Education to better understand the relevant theoretical foundations, produce research data from the analysis of studies aimed at successful continuing education in learning in investments in this direction that have already occurred and demonstrated success. The theoretical studies listed and analyzed pointed to a learning format through research where teachers have the possibility to reorganize, present and disseminate their practices during continuing education. Thinking about education for all and the formation of socially active subjects requires changes in pedagogical practices where everyone is the protagonist of discoveries. However, the teacher needs to be aware that he is the driver of this process, because learning will come from games, reading, research among all those involved.*

**Keywords:** *Bullish Spectrum Disorder, Continuing Education, Inclusion.*

## 1 - INTRODUÇÃO

A aprendizagem quando associada a pesquisa seguramente traz resultados significativos, pois, o professor é instigado a investigar as dificuldades dos alunos, bem como trazer o conteúdo o mais próximo de suas vivências. Com os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não é diferente, sendo até uma condicionalidade para desenvolver a aprendizagem, posto que demandam estratégias diversificadas para que façam a transcendência do que estão aprendendo.

Nesta perspectiva a formação continuada faz-se necessária tendo em vista as adaptações curriculares para as quais tem direito, estratégias de ensino e, considerando que a troca de experiência entre professores potencializa a busca de caminhos que dê significado à aprendizagem de alunos diagnosticados com TEA. A formação continuada vem ratificar o que já consta na legislação pertinente aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (BRASIL, 2008), além de ser estratégia com bons resultados quando aplicada em formações anteriores

esculpida na ideia de associar teoria e prática, tendo em vista que esta formação quando aplicada na etapa de alfabetização melhoraram os índices de leitura e escrita.

Entretanto, a formação deve ser estendida aos envolvidos diretamente com o processo de ensino aprendizagem, é preciso, portanto que haja uma sintonia entre todos os envolvidos no processo educativo.

Desta forma, este estudo busca analisar a formação continuada de todos os professores envolvidos diretamente com os alunos diagnosticados com TEA. De modo mais específico, verificar como a formação continuada pode melhorar as práticas pedagógicas com alunos diagnosticados com esse diagnóstico.

Sabemos o quanto é angustiante para os professores a busca incessante por estratégias que demonstrem resultados positivos nos alunos com TEA. Além disso, precisamos compreender a aprendizagem na ótica da pesquisa e das descobertas, para que a aprendizagem se construa com significado. Assim, como a formação continuada pode potencializar as práticas pedagógicas dos professores envolvidos diretamente com alunos com TEA?

Em análise, constatou-se a interferência positiva da formação continuada, especificamente na inclusão, onde o Plano Individual de Ensino é uma necessidade, esta orientação traz uma segurança aos professores, pela troca de informação, por ser um mecanismo de tirar dúvidas ou mesmo acrescentar suas metodologias e estratégias de ensino. Ademais, a aprendizagem tem reflexos significativos quando acompanhada com formação continuada de professores e que já foi constatada em investidas desta natureza em municípios Brasil afora e, em rede nacional com pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC (BRASIL, 2014). Se pensarmos a educação pela pesquisa tendo o professor como mediador, os alunos precisam assumir este protagonismo, por isso, o diálogo e a construção desta aprendizagem perpassam pela formação continuada.

Para o levantamento de dados deste estudo bibliográfico será realizada uma análise de divulgações acerca do assunto: formação continuada de professores, principalmente aqueles no contexto da educação inclusiva.

## **2 – METODOLOGIA**

A análise da teoria para a construção deste estudo foi estruturada numa fase exploratória, e na análise de publicações relacionadas à formação continuada. Desta forma,

a investigação é empírica, abrangendo o planejamento, as técnicas de informações acerca de teorias aplicadas, especificamente em alunos com Transtorno do Espectro Autista.

Na pesquisa identificou-se a necessidade de o educador obter uma formação continuada, de forma crítica, não acúmulos de cursos, mas que saiba refletir sobre sua profissão, sua capacitação e sobre o atendimento aos educandos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. A proposta desta formação seria no intuito de trocar experiências e inovar nas metodologias e estratégias adotadas em suas práticas pedagógicas, pautadas num formato de trabalho onde o professor atua como mediador é fundamental esta orientação, pois, a metodologia adotada precisa compreender intencionalidade/reciprocidade, transcendência e significado.

Na etapa exploratória verificou-se que a formação continuada vem ao encontro desses anseios dos professores que atuam dentro da educação inclusiva, posto que, demandam, além das adaptações curriculares, estratégias de ensino através de metodologias ativas, jogos digitais, e, principalmente neste campo, existe uma gama imensa de possibilidades, que a troca de vivências e experimentos corrobora na aprendizagem.

Em termos de análise de publicações vimos resultados surpreendentes como aqueles elencados por MATOS (2017) onde pontua sobre a ação mediadora do professor no trabalho com a inclusão, para o qual requer um olhar específico e individualizado, considerando que os alunos com Transtorno do Espectro Autista podem acontecer em três níveis diferentes e cada um necessita de uma orientação distinta para processar a aprendizagem. Neste levantamento de dados foi possível constatar a variedade de possibilidades no uso de jogos digitais direcionados para o público autista em todos os níveis de comprometimento.

A análise das informações ainda que de forma empírica constatou-se que a formação continuada deve ser uma realidade, desde que tenha sentido na prática pedagógica, e não se restringe a um curso a respeito do Transtorno do Espectro Autista ou de como trabalhar com deficiências, mas algo que agregue no conhecimento do professor, que ele possa aplicar no cotidiano. Isso só é possível pela troca de experiência ratificando formações como o PNAIC - Programa de Alfabetização na Idade Certa (BRASIL, 2014), por exemplo. Neste mesmo formato existem outras formações com resultados significativos.

### 3 – RESULTADOS

Sabemos que a formação contínua na hipótese de escola regular é uma configuração com resultados significativos, como aqueles percebidos no PNAIC (BRASIL, 2014), e outros programas com formato semelhante. Fato é que o professor ao confrontar sua prática pedagógica com uma formação concorrente tem a possibilidade de modificar sua metodologia e aplicar estratégias diversificadas que melhor atenda a aprendizagem de seus alunos.

Ribeiro (2019) em seus estudos sobre formação continuada apontou que o trabalho com projetos e pesquisa melhora o interesse dos alunos com relação aos conteúdos abarcados no assunto abordado. Em seus relatos sobre o projeto desenvolvido a partir da pesquisa e da construção do conhecimento pelos alunos, além de proporcionar a troca de experiência entre os pares, as pessoas que visitaram a feira demonstraram interesse em reproduzir a iniciativa em seus municípios.

A análise em questão tem como foco alunos com deficiência, entretanto, na seara da educação inclusiva, tal metodologia pode ser aplicada, potencializando o aprendizado dos alunos e sempre procurando estratégias ancoradas nas tecnologias ativas, pois os alunos em sua maioria demandam de recursos diversos para alcançar a transcendência do conhecimento.

Em seus estudos pautados na formação continuada Soares (2021) aponta resultados satisfatórios onde existe a troca de experiência entre os pares. Sua linha de pesquisa abordou alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais, e, observa-se que tudo que foi elencado pode ser aplicado em alunos com TEA, embora não cite em seus relatos a presença destes alunos, pode ser que estivessem inseridos no processo, considerando que o acompanhamento ocorreu numa escola regular.

A análise de tudo que foi elencado acerca do assunto em questão conduziu-nos a uma hipótese que de fato a troca de experiência é algo necessário e pode configurar nessa formação entre professores. Além disso, precisamos pensar e adaptar estas iniciativas usando as plataformas de conversas possibilitando encontros online otimizando o tempo. O essencial é buscar estratégias e metodologias que atendam as demandas destes alunos reduzindo o anseio de professores e família que acreditam no potencial do aluno.

Conduzir a aprendizagem pela pesquisa é algo recorrente em diversas discussões acerca de metodologias de trabalho, resta somente executar e extrair o máximo de

possibilidades que os jogos e aplicativos digitais podem nos oferecer enquanto suporte de aprendizagem.

É importante destacar que a inclusão social da qual deriva a vertente da educação inclusiva, não visa somente incluir alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, mas, sim, torná-los participantes da vida social, econômica e política.

Os profissionais que atuam na escola precisam proporcionar o acolhimento aos alunos e a seus familiares. Isso pode acontecer numa troca de vivências nas formações, ancorada na teoria. Contudo, a prática de um profissional pode servir de orientação para outros, além de oportunizar a compreensão de modo mais humanizado de trabalhar com as famílias: agentes fundamentais neste processo de aprendizagem, que, se engajada na causa fará toda a diferença nesse processo. Neste sentido, a formação, elencada por autores que discorreram sobre o assunto, está no treinamento dos professores para atuar junto aos alunos com alguma deficiência, em específico aqueles diagnosticados com TEA inserindo a família no contexto da escola.

Na busca em obter respostas aos questionamentos suscitados e pela execução das metas estabelecidas, optou-se pelo estudo de natureza qualitativa. O estudo dessa natureza possibilita um aprofundamento construtivo e significativo sobre o tema abordado na área educacional, onde, desenvolveu-se através de investigação, conhecimentos, reflexão e com base em análise crítica sobre o tema norteador do trabalho.

Para que se promova a inclusão, faz-se necessário identificar o quanto os profissionais que atuam nesta área têm de conhecimento específico em sua formação, entretanto, é notório saber que, para atuar na educação inclusiva, é necessário ter uma formação direcionada para o público o qual se irá trabalhar. Sabemos o quanto os professores buscam conhecimento, pois, em sua maioria possuem a graduação e pós-graduação, em alguns casos exatamente em educação especial e inclusiva, contudo, há que se ressaltar a importância da prática considerando que desenvolver a atividade na Educação Especial exige constante aperfeiçoamento e leituras.

A análise empírica apontou que no contexto da educação inclusiva, não há previsão da utilização de métodos e técnicas de ensino específicos para esta ou aquela deficiência, contudo, na prática profissional, tem-se percebido que a deficiência intelectual apresenta características que exigem um aperfeiçoamento específico, já que o aluno apresenta alterações nos processos intelectuais que interferem na aquisição da leitura, dos conceitos



lógicos matemáticos, na realização das atividades da vida diária, no desempenho social, entre outras habilidades. Por isso a necessidade latente da formação continuada, considerando que cada aluno necessita de uma adaptação, apresenta dificuldades distintas na compreensão do que está sendo desenvolvido, reafirmando dois pontos extremamente importantes: formação continuada e Plano Educacional Individual.

Pontuando sobre o assunto, Vigotski (1997), ressalta o papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. O indivíduo, para se humanizar, precisa crescer num ambiente social e interagir com outras pessoas. Quando isolado, privado do contato com outros seres, entregue apenas às suas próprias condições e a favor dos recursos da natureza, o homem é indefeso e despreparado para lidar com os desafios de seu meio.

#### 4 – DISCUSSÃO

A formação acadêmica é uma recomendação da lei 9394/96 (BRASIL, 1996) como requisito para o ingresso no magistério. Acredita-se que na graduação plena o professor tem oportunidade de ver na teoria algo sobre a educação especial e inclusiva, componente obrigatório em todas as formações acadêmicas direcionadas para professores. Considerando que no nível superior, busca-se uma formação mais ampla de conhecimentos específicos e educacionais frente aos desafios contemporâneos que exigem deste profissional uma capacidade crítica e reflexiva, além da persistência para superar os paradigmas sociais existentes. Contudo, a prática demanda um estudo permanente em função da diversidade de pessoas com as quais o professor trabalha e, nesta direção, a pesquisa e a troca de vivências entre os envolvidos na educação concorre para uma melhoria nas condições de trabalho.

É importante destacar que a finalidade desta formação, enquanto ação educativa consiste na produção de novos conhecimentos que intensifique a consciência e a capacidade transformadora dos profissionais. O que se pretende aqui não são títulos deste ou daquele curso, mas a aquisição de novas práticas, suportes para que possam aplicar uma didática transformadora em sala de aula.

Em seus relatos acerca da formação continuada como ferramenta na promoção de trocas de experiências e de estratégias Janz (2007, p.4) explica que tal investida deve se prolongar por toda a carreira profissional e num formato que alcance todos os alunos. Desta forma, além da disponibilidade do professor em buscar novos rumos para o fazer

pedagógico, as políticas públicas precisam estar alinhadas neste raciocínio, concomitante com as dimensões pessoais e culturais do professor.

Depreende-se disso que a formação continuada ainda é uma das ferramentas mais eficientes no cotidiano do professor, além de alinhar com a teoria do ‘professor como mediador’. Fato é que na aprendizagem cada dia, cada conteúdo, estratégia e metodologia são distintas e atende este ou aquele de modo diferente. Portanto, a troca de conhecimento vivenciado além de trazer segurança ainda proporciona a construção de outro olhar sobre o que acontece em sala de aula. Talvez o que a teoria afirma, pode divergir quando aplicada *in loco*, as reações frente aos desafios, o modo como os alunos recebem os comandos.

É preciso compreender que as ações mediadoras do educador no contexto educacional, devem ser garantidas com conhecimento pedagógico diversificado, conteúdos centrados na dificuldade, na vida real e sociocultural dos alunos da inclusão.

Nesta perspectiva o educador precisa dar outra roupagem à sua prática e ousar se desafiar e buscar melhorias, como também, se atualizar em novos métodos de conhecimento, gestão, organização, valores e normas, com base em uma metodologia centrada no aluno em suas potencialidades e também em suas dificuldades, necessidades/peculiaridades.

Desta forma, o educador deve pautar seu trabalho em uma pedagogia ativa, valorizar a tecnologia que temos à disposição, a gama de recursos que ela nos viabiliza e estar atento para receber a multiplicidade de fenômenos e ocorrências na sala de aula, e não esquecer das interferências do mundo circundante do ambiente vivencial que são captadas, transformadas e assentadas no conhecimento adquirido. Independente da condição socioeconômica e cultural os alunos convivem com a tecnologia, e podem extrair da mesma o aprendizado. Por outro lado, alunos autistas do nível 1, por exemplo, podem desenvolver com eficácia atividades que outrora não conseguiriam ou teriam mais dificuldade sem o uso destes suportes pedagógicos que existem.

Percebe-se que, a mediação do professor educador promove de fato a sensibilidade dos alunos, a confiança, a autoestima, a inteligência e a autonomia dos mesmos, passo a passo, como também, favorece o desenvolvimento de todo o potencial de aprendizagem e habilidades que cada educando possui.

Reconhecer e estimular as variadas inteligências humanas e todas as suas combinações de inteligências deve ser o elemento norteador do professor, pois somos todos tão diferentes, em grande parte, porque possuímos variadas combinações de



inteligências. Se reconhecermos isso, teremos pelo menos uma chance melhor de lidar adequadamente com os muitos problemas que enfrentamos na escola.

É preciso compreender a formação continuada como um espaço de fortalecimento das práticas pedagógicas, porque a troca de experiência se fortalece nas falas e nas interações entre colegas como uma forma de abrandar as angústias diante de resultados duvidosos ou mesmo inseguranças. Estas, por seu turno, são geradas a partir de desafios que se apresentam diante de uma prática que ainda não se sustenta somente pela teoria.

Este formato do fazer pedagógico parte da interatividade, despontando num diferencial em relação ao processo inclusivo, de forma a entender as individualidades e as limitações dos sujeitos no processo inclusivo, valorizando a diversidade.

Entretanto, a formação continuada deve agregar a outros suportes tão necessários quanto, quando se pensa em educação especial na perspectiva inclusiva, pois, o atendimento humanizado pressupõe também de uma equipe multidisciplinar nas escolas complementando este trabalho, pois, as famílias ao matricular seus filhos contam com este serviço exclusivamente nas secretarias de saúde. (BRASIL, 2012)

Outro ponto importante é a garantia desta formação sem ônus para o professor que já está com uma sobrecarga de trabalho. Uma estratégia seria usar parte da carga horária a ser cumprida para esta formação numa logística que abranja mais pessoas onde o objetivo da troca seja efetivo. É notório o interesse em buscar o conhecimento, mas as políticas públicas precisam atuar em conjunto e investir em consultoria para que não fique somente na teoria. (BRASIL, 1996)

Analisando os estudos sobre alunos com autismo, estes apresentam dificuldades distintas dependendo do grau de comprometimento. Frente a este comportamento, o professor que o acompanha precisa ter ciência da atitude a ser tomada para que ele melhore esta condição. Sabemos que existem autistas cujo grau de comprometimento não afeta a condição de aprender. Contudo, ao atuar com público autista, é importante realizar dinâmicas de ensino com atividades que trabalhem diferentes maneiras de comunicação, como visão e gestos, mas desenvolvendo aos poucos a fala do estudante. Outro ponto fundamental é fazer com que todos se sintam confortáveis, principalmente utilizando materiais, objetos e assuntos de interesse do estudante, partindo de algo que lhe chame a atenção e inserir o conteúdo a ser trabalhado, por isso, é uma atividade individualizada e se necessário até fora de sala de aula.

É preciso considerar que os alunos com o TEA apresentam diferentes graduações relacionadas às dificuldades de desenvolvimento cognitivo, adotar um conceito rígido e que se aplica a todos os alunos acabam gerando mais problemas do que solução. Portanto, a formação continuada pode ser um elemento norteador para que se possa encontrar uma possibilidade com significado e que atenda estes alunos.

Para alcançar algum avanço em termos de conhecimento, o processo educacional precisa ser flexível, seja para pessoa com autismo ou de qualquer outro estudante, onde o ensino deve primar pela funcionalidade, individualidade e estar mais próximo possível da realidade do aluno.

Para além da formação continuada é preciso que os serviços de apoio especializado, quando as escolas os solicitem, atendam às demandas para suprir as necessidades dos estudantes inclusos (BRASIL, 2014). Além de participar das aulas os alunos com alguma deficiência necessitam do aparato das salas multifuncionais, pois a aprendizagem pode acontecer num ambiente individualizado. A obrigatoriedade de matrículas a partir dos 4 anos de idade também contribui para um melhor atendimento dos alunos com TEA, pois, em alguns casos, por falta de informação a família deixava de matricular, entendendo a dificuldade extrema de comunicação e ou socialização, como algo inatingível em termos de desenvolver alguma aprendizagem. Contudo, é preciso desmistificar este receio das famílias, pois, mesmo com todas as dificuldades, os alunos autistas com grau severo conseguem se adaptar ao ambiente escolar.

Neste sentido, o direcionamento do trabalho pedagógico com crianças autistas é necessário e demanda uma organização, dotação de estratégias ao planejar o que deseja, delimitando as habilidades e competências visando a participação efetiva nas práticas educativas aplicadas (SILVA; ALMEIDA, 2012). A exemplo, Maciel e Garcia Filho (2009) relatam a experiência de uma mãe que desenvolveu para seu filho autista um método pedagógico, em que a criança aprende a partir do que ele mais gosta de fazer. Como escutar músicas era o que mais lhe deixava feliz, ela adaptou isso ao conteúdo das práticas pedagógicas.

Sabemos das angústias de professores e familiares na busca por estratégias que desenvolvam a aprendizagem em pessoas com TEA. Nesta linha de raciocínio temos o TEACCH – Tratamento e Educação para autistas e crianças com deficiências relacionadas à comunicação, Sistema de Comunicação através de troca de figuras. Nesta perspectiva o programa TEACCH indica, especifica e define de maneira operacional os comportamentos

que devem ser trabalhados. Possibilitando o desenvolvimento de repertórios que serão utilizados para avaliar os aspectos que se referem à interação e organização do comportamento, além de desenvolver as crianças autistas em diferentes níveis. A forma de trabalhar com essas crianças autistas é totalmente mediada pelo professor ou pelo profissional que atua com o autista, visando ao desaparecimento ou à redução de comportamentos inadequados, reforçando positivamente. O método TEACCH trabalha com os estímulos audiovisuais, visuais e audiovisuais para produzir comunicação. A metodologia de ensino é construída a partir da condução das mãos do aluno que faz uso dos símbolos, em um contínuo direcionamento de sua ação até que se encontre em condições de realizar a atividade proposta sozinha, porém, com o uso do recurso visual (ORRÚ,2007). Esta linha de trabalho versa sobre a intencionalidade, reciprocidade, transcendência e significado. O aluno precisa compreender cada uma destas etapas para formalizar o conhecimento.

Neste formato de trabalho, o método TEACCH possibilita o ajuste ao comportamento adequado da criança autista diante das situações apresentadas através de fotos, sons e demais meios utilizados, visando o desenvolvimento comportamental do mesmo. Porém, as atividades propostas ao educando autista não devem ser estipuladas e cumpridas com rigor, mas deve-se partir da consideração em que aprendizagem passa por desafios e superações durante seu processo, considerando a autonomia da criança como ponto primordial (CUNHA, 2014).

Contudo, para que a inclusão seja de fato uma realidade na escola é necessário à formação, preparo e dedicação dos docentes. Desse modo, a formação dos professores para atuação do trabalho com a diversidade é de grande importância, pois é essencial para a inclusão efetiva, além de fortalecer a educação ainda cria condições para que as intervenções pedagógicas ocorram de forma incisiva e coerente. Para além disso, o professor precisa compreender a diversidade que existe em sua sala de aula e extrair desta formação o que melhor atender em cada especificidade. (CUNHA, 2014, p. 101).

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno (CUNHA, 2014, p. 101).

O protagonismo do educador é de grande importância para a inclusão do educando, pois se tal profissional não exercer seu trabalho adequadamente, a inclusão será apenas

mais uma palavra e não um exercício. Logo, é necessário que haja uma interação entre os envolvidos em sala de aula, professor e professor de apoio e compreendam a necessidade de adaptações curriculares pertinentes aos alunos da inclusão. Há que se observar que a flexibilização curricular alcança todos os alunos de um modo geral e, portanto, as práticas pedagógicas podem e devem alcançar a todos, sem exceção. (PIMENTEL, 2012, P, 139)

Desta feita, a formação do profissional da Educação só se faz competente quando tal profissional encontra-se em ligação com reconhecimento da realidade que permite conhecer a si mesmo e ao outro, auxiliada de atividades que o ajude a aprender com suas próprias experiências e acima de tudo que o comprometa (HERNÁNDEZ; SANCHO, 2006).

Diante de tal afirmação, conhecer e reconhecer a realidade do aluno e de todo o processo para se fazer inclusivo é que torna a formação docente competente, pois, além de trabalhar as capacidades do educando o professor, tende a trabalhar as suas próprias competências e construção do conhecimento.

A formação acadêmica apresenta a teoria das deficiências existentes, mas somente a prática irá indicar o melhor caminho a ser trilhado. Por isso apostar na formação continuada vai ao encontro destas dificuldades potencializando um novo olhar para esta diversidade. Mesmo que no ensino superior o professor tenha contato com a teoria sobre educação especial e até cumpra estágio em escolas regulares inclusivas, tudo isso não é suficiente para construir uma prática pedagógica diferenciada.

Desta forma, é fundamental que o professor visualize as demandas presentes em sua sala de aula e busque por suporte que os atenda da melhor forma possível. Logo, ele deve compreender que cada deficiência tem suas dinâmicas, e essas mudam e se alteram (LIMA 2006). Incluir vai além do estar presente, pois o aluno precisa ter condições de acompanhar algum conhecimento que está disponível na sala, logo, há que buscar meios de agregar todos. (CAVACO, 2014, p. 23).

O trabalho com inclusão, seja ela de autismo ou de qualquer outra deficiência ou altas habilidades/superdotação, requer do professor uma preparação adequada, uma capacitação, pois os educandos necessitam destas competências profissionais para contemplarem uma educação de fato inclusiva. A observação criteriosa será o fator determinante na busca de estratégias que o atenda da melhor forma. Pressupõe-se que o professor seja um exímio observador e que possa construir um planejamento pautado em suas aferições, de modo que atinja todos os envolvidos. (CUNHA, 2013, p. 55).

O ato de observar as ações do educando é a principal forma para conhecimento de seu ensino e aprendizagem, onde existe a ponte entre teorias e práticas e o conhecimento do professor como condição para o exercício deste fazer pedagógico. Logo, a intervenção de qualidade e de real valor dá-se por meio de condições e também por meio da mediação através de dedicação e estudos, objetivando que tal intervenção venha ser de forma crítica e reflexiva, tornando-se concreta. É necessário que o docente tenha conhecimento dessa realidade que seus alunos vivenciam, das influências do ambiente, considerando a cultura da sociedade em que a escola está inserida para que suas intervenções sejam referidas a essa realidade de forma crítica e reflexiva.

Ao trabalhar com autista é fundamental compreender como ele acolhe aprendizagem e procurar estratégias que alcance, pois, seu modo de compreensão é distinto do nosso (FONSECA, 2014, p. 82). Desta forma, é notória a importância do papel do professor para a escola inclusiva visto que sua contribuição favorece o desenvolvimento de tal processo. No entanto, a insegurança de muitos professores é fato, bem como, a ausência do preparo profissional em que alguns cursos proporcionam (LIMA, 2006). Isso deve ser superado, pois a experiência e interação com pessoas deficientes não é considerado e visto como requisito prévio para o desenvolvimento do processo de inclusão na escola.

Ratificamos que o professor não tem conhecimento de todas as particularidades específicas a cada deficiência ou transtorno, pois é necessário primeiramente que ele conheça o público da sala em que atuará, para então aprofundar seus conhecimentos teóricos e práticos e as deficiências não se apresentam uniformemente. (Lima, 2006). Logo, a formação dos professores para atuação do trabalho com a diversidade é de grande importância, sendo essencial para a inclusão efetiva do estudante com Transtorno do Espectro Autista no âmbito escolar. É necessário que o educador busque sempre rever seus conhecimentos, fazendo a relação entre teoria e prática vivenciada, buscando uma relação afetuosa, pois essa relação está intimamente ligada aos processos de ensinar e aprender.

Reiteramos que a sociedade evoluiu no que tange a inclusão e vem se transformando ao longo da história, o que pode ser averiguado na disponibilização de leis que asseguram os direitos e deveres das pessoas com deficiência, vislumbrando um futuro mais humanizado e cooperativo. Ademais, estas pessoas possuem capacidades e integram a mesma sociedade e, portanto, devem ocupar seu lugar de direito. (LIMA, 2006, p. 27)

Sabemos que as pessoas com deficiências possuem direitos e deveres como cidadãos, devendo abandonar a ideia de que estes indivíduos devem ficar à margem da

sociedade, pois os mesmos possuem direitos e deveres como todo cidadão o que vem proporcionar uma sociedade, uma visão reflexiva sobre a inclusão e exemplo de cooperação uns com os outros em toda gama de interação social. Diversos documentos respaldam e asseguram a educação inclusiva preferencialmente na escola regular, além de outras mais específicas para os autistas. (BRASIL, 2014)

Então, faz-se necessário um estudo mais aprofundado do que é de fato a inclusão para que a ausência desse conhecimento não se transforme em repulsa pelo indivíduo, levando em conta que todo ser humano é capaz de interagir e se posicionar socialmente dentro das suas capacidades.

## 5 – CONCLUSÃO

As análises empíricas de tudo que foi levantado sobre a formação continuada dos professores apontaram para algumas situações pontuais a saber: a importância desta troca de experiência entre os participantes desta formação, pensando num formato de encontros para discussões e trocas de práticas pedagógicas, a necessidade urgente em criar condições para que isso de fato ocorra, considerando a demanda crescente de alunos com alguma deficiência, principalmente com Transtorno do Espectro Autista e que demandam um olhar diferenciado tendo em vista que possuem níveis diferentes de comprometimento. É um trabalho diferenciado que requer um conhecimento da situação para a realização de intervenções certas. São desafios diários que requerem aprendizado continuado.

Outro ponto importante e recorrente quando se trata da formação continuada diz respeito ao uso de tecnologias digitais e o trabalho através da pesquisa. Considerando-se que o trabalho pautado na pesquisa é bandeira levantada por pesquisadores da educação a bastante tempo, pois dá sentido à aprendizagem e excluindo-se a educação bancária, este deve ser um caminho adotado pelos educadores. O aluno precisa ser protagonista da educação, outro ponto importante que vai ao encontro dos pilares da educação que põe o sujeito como protagonista da aprendizagem e capaz de interagir no mundo ao qual está inserido.

De acordo com os estudos feitos, ao analisar a área de inclusão de autismo na escola, apontamos que os estudos deixaram clara a necessidade de realizar mais pesquisas relacionadas ao tema transtorno de espectro autista, sua inclusão e diagnóstico. Ainda é grande a falta de preparo dos professores e da população em geral para lidar com esses



indivíduos. É a qualidade do relacionamento professor/aluno que torna o processo educativo e a escola significativos para o educando. É preciso que os professores sejam capacitados para atender à crescente população de estudantes com autismo, para que não tenham medo do enfrentamento em sala de aula, por sentirem-se despreparados.

Refletir sobre a formação de docentes, garantir uma formação docente de qualidade é um desafio que se apresenta a todo o professor formador que conceba a educação como um direito e não como um privilégio, o que perpassa pela questão da inclusão.

O resultado de todo o levantamento bibliográfico corrobora essa ideia, pois se observa que os sujeitos acreditam que a inclusão só vai se efetivar se houverem mudanças na sociedade, nas políticas públicas, no sistema educacional, na destinação de recursos para educação, na estruturação das escolas, nas práticas pedagógicas, o que demonstra posicionamento crítico. Isso indica que a maioria dos docentes em formação acredita ser possível efetivar uma educação inclusiva, concebendo-a como processo coletivo, que requer a participação da sociedade na luta por educação para todos, com qualidade, respeito às diferenças, valorização da diversidade, atendimento às necessidades e aprendizagem.

## 6 - REFERÊNCIAS

**BRASIL.** Decreto Federal nº 8.368/2014, de 02 de dezembro de 2014. Regulamenta a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF: 03 dez. 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8368.htm) Acesso em: 24 de agosto de 2023.

\_\_\_\_\_. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Apresentação / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional.- Brasília: MEC, SEB, 2014.

\_\_\_\_\_. Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**; e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acesso em: 27 de agosto de 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

**CAVACO, N.** Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014

**CUNHA, E.** Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

**CUNHA, E.** Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 5ª ed. RJ: Wak Ed., 2014.

**CUNHA, E.** Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

**FERREIRA, Sérgio Daniel.** METODOLOGIAS ATIVAS: potencialidades e limitações na percepção de professores da Educação Básica. São Carlos. 2021. 163 p.

**FERREIRA GUEDES, Danieli.** O uso das tecnologias digitais para a alfabetização de alunos com transtorno do espectro autista: proposta de um curso de capacitação/ Danieli Ferreira Guedes, Cornélio Procópio, 2019. 190f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2019.

**FONSECA, B.** Mediação escolar e autismo: a prática pedagógica intermediada na sala de aula. RJ: Wak Editora, 2014.

**LAMBERTY, Julceia Veridiana Teixeira.** Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e tecnologias assistiva: uso de um jogo digital para auxiliar no desenvolvimento da consciência fonológica nas salas de recursos/ Julceia Veridiana Teixeira Lamberty. – 2022. 239. Orientadora: Profª Drª Regina de Oliveira Heidrich. Dissertação (Mestrado) – Universidade Feevale – Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social, Novo Hamburgo. 2022.

**LIMA, P.A.** Educação inclusiva e igualdade social. São Paulo: Avercamp, 2006

**HERNÁNDEZ, F., SANCHO, J. M.** A Formação a partir da experiência vivida. Pátio revista pedagógica, Porto Alegre, ano 10, nº 40, novembro 2006/ janeiro 2007. Trimestral.

**JANZ, Liamara Aparecida Toniolo.** Formação continuada do professor: Uma experiência no espaço escolar, PDE, 2007. Disponível em < <http://www.diaadieducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/532-4.pdf> > Acesso 25 de agosto de 2023

**MARTINS, L. A. R.** Formação de Professores numa perspectiva inclusiva: algumas constatações. In: MANZINI, E. J. (Org.). Inclusão e acessibilidade. Marília: ABPEE, 2006.

**MATOS, Ana Paula da Silva.** Tecnologias digitais na educação de alunos com necessidades especiais que apresentam dificuldades de aprendizagem / Ana Paula da Silva Matos. Pouso Alegre: 2017. 129 f.

**PIMENTEL**, Susana Couto. Formação de professores para a inclusão: saberes necessários e percursos. In: MIRANDA, Theresinha Guimarães; GALVÃO FILHO, Teófilo Alves (Org.). O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 139 – 158.

**SILVA**, F. S.; ALMEIDA, A. L. Atendimento educacional especializado para aluno com autismo: Desafios e possibilidades. Intl. J. of Knowl. Eng., Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 62 – 88, 2012.

**SOARES**, Magda. Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e escrever. 1ª ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

**VYGOTSKI**, L.S. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1997.